

Pessimismo de empresariado com mercado de trabalho é o maior em quatro anos

Especialistas projetam aumento, ainda que leve, na taxa de desemprego para o próximo ano

Por **Alessandra Saraiva** — Do Rio
24/11/2025 05h01 - Atualizado agora

Mais empresários preveem ritmo menor de vagas

Fatia dos que apostam em alta de emprego diminui* - em %



Fonte: Fundação Getúlio Vargas (FGV). *Todas as parcelas são de média móvel trimestral

A fatia de empresários que projetam queda no emprego nos próximos meses registrou, em outubro, a maior parcela em mais de quatro anos, na média móvel trimestral da Sondagem Empresarial da Fundação Getúlio Vargas (FGV), segundo recorte exclusivo da pesquisa divulgado ao **Valor**.

A parcela de empresários que prevê redução no número de vagas no mercado de trabalho, no total de pesquisados, ficou em 11,6% no mês passado, ante 11,4% em setembro, sendo a maior desde maio de 2021 (12,6%).

Ao mesmo tempo, a parcela dos que estimaram emprego em alta, nos próximos meses, ficou em 15,9%, menor do que a de setembro (16,2%), sendo a mais baixa desde junho de 2021 (15%). O universo da pesquisa abrange entrevistas com 6 mil respondentes em todo o país. A média móvel trimestral, na sondagem, é mais recomendada para mensurar tendências de mercado de trabalho, diz Rodolpho Tobler, economista da FGV e autor do recorte.

Segundo Tobler, os empresários antecipam o processo de desaquecimento do mercado de trabalho. Sinais desse fenômeno já estariam evidentes em algumas pesquisas oficiais sobre emprego no país, acrescenta.

A mesma opinião foi compartilhada por outros especialistas, que já projetam aumento, ainda que leve, na taxa de desemprego para o próximo ano. A taxa de desemprego até o terceiro trimestre (dado mais recente) ficou em 5,6%, menor da série histórica do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

“**Mercado de trabalho com enfraquecimento mais visível**”

— Rodolpho Tobler

Além dos dados da sondagem, Tobler cita a edição de setembro do Caged (levantamento do governo que mede o emprego com carteira assinada). Ele afirma que o aumento no estoque em relação ao mesmo período do ano passado foi de 2,9%, o menor avanço desde abril de 2021 (2%). “Há muito tempo esse indicador não mostra crescimento inferior a 3%”, disse.

Um dos setores com sinais mais evidentes de emprego com carteira assinada mais fraco é o da indústria de transformação, completou Tobler. Em setembro, foram contabilizados 8,4 milhões de empregados formais nesse segmento, alta de 2,3% ante mesmo mês em 2023. A variação foi a mais fraca desde maio de 2024 (2,2%). “Mas essa desaceleração está ocorrendo em diferentes setores, além da indústria”, disse. “Estamos notando o mercado de trabalho com enfraquecimento mais visível”, diz.

O Caged não foi o único dado oficial que apresentou sinais de desaceleração no mercado de trabalho. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), do IBGE, registrou 102,4 milhões de ocupados até o terceiro trimestre. Esse contingente foi apenas 0,1% acima de trimestre anterior, resultado mais fraco para o terceiro trimestre nessa comparação desde o recuo de 0,8% no terceiro trimestre de 2020.

Felipe Salto, economista-chefe da Warren Investimentos, diz que a expectativa de certo desaquecimento no mercado de trabalho continua válida, “sobretudo porque a política monetária ainda segue em padrão bastante contracionista”.

A taxa básica de juros (Selic) opera a 15% ao ano, maior patamar desde 2006. A elevação da taxa, definida pelo Banco Central (BC), parte da estratégia para conter o avanço inflacionário, acaba por inibir o consumo, visto que deixa o crédito mais caro. Isso também rebate na evolução do Produto Interno Bruto (PIB), visto que o consumo das famílias é importante componente da economia. Assim, quanto mais fraca a cadência da economia, menor o ritmo de abertura de vagas.

“A atividade econômica já está desacelerando e os dados de emprego dão sinais de arrefecimento” diz Salto. “É cedo para vaticínios, mas a tendência é, sim, de arrefecimento. De todo modo, entendo que os dados do mercado de trabalho ainda continuarão fortes neste e no próximo ano, ainda que com mudanças, na margem, como os dados já começam a apontar.”

No entanto, ele admite ser possível alta na taxa de desemprego, a partir de 2026. “Entendo que, no próximo ano, poderemos observar alguma subida da taxa de desemprego, mas não creio que de modo relevante”, diz. “Estamos partindo de um patamar historicamente baixo, não custa lembrar. Em 2026, mesmo com eventual subida, a taxa de desemprego deve se situar na casa de 6% ou um pouco acima.”

Uma provável consequência a ser percebida - caso o desemprego suba no ao que vem - é a provável maior desaceleração no crescimento de renda originada do trabalho, completa Roberto Padovani, economista-chefe do Banco BV. Na realidade, essa desaceleração já seria percebida ainda em 2025, acrescenta. A renda real habitual, rendimento médio que um trabalhador recebe mensalmente, já corrigido pela inflação, cresceu 4,4% no ano passado, e deve crescer 3% esse ano, projeta.

Caso esse cenário se mantenha, continuou Padovani, também deve mexer com próximos resultados anuais de criação de emprego formal. O Brasil encerrou 2024 com criação de 1,7 milhão de empregos com carteira assinada, no Caged. Neste ano deve fechar com a criação de 1,5 milhão e, em 2026, com abertura de cerca de 1 milhão de vagas, estima.

Com isso, ele também acredita em alta da taxa de desocupação em 2026. “A taxa de desemprego começa a subir ao longo do ano que vem. Mas não esperamos movimento forte [de alta], será suave.”

A Tendências Consultoria projeta taxa de desemprego de 6,6% na média anual para 2026, ante 6% na média de 2025. Essas estimativas foram feitas em meio a um contexto de provável economia mais fraca no próximo ano, diz **Matheus Filipe dos Santos**, economista sênior da consultoria. A variação do PIB para ano que vem projetada pela Tendências é de 1,6%, com viés de alta, ante 2,2% neste ano.

Mesmo com perspectiva de taxa de desemprego mais elevada, Santos cita fatores que podem tornar menos desfavorável o provável mercado de trabalho desaquecido em 2026. O próximo ano é eleitoral e isso sempre ajuda a aquecer economia e a abrir vagas, lembra.

Além disso, a construção civil tem potencial de reaquecimento de emprego em 2026. Ocorreram novas decisões governamentais, para setor que podem aquecer a atividade, como a nova categoria do programa Minha Casa Minha Vida; e de programa de reformas residenciais, disse.

Por sua vez, as vendas do comércio em 2026 podem ser beneficiadas pela isenção de Imposto de Renda (IR) para famílias com ganhos até R\$ 5 mil, lembra. Isso pode aquecer atividade no varejo, no próximo ano e, por consequência, elevar ritmo de abertura de vagas.